

COP30: Na Amazônia, a luta por um jornalismo independente e "ativista por natureza".

No norte do Brasil, jovens veículos de mídia independentes estão contando a história da floresta e de seus habitantes a partir da base, desafiando grupos políticos e oligarcas, às vezes arriscando suas próprias vidas.

Por Anaïs Richard

"Estar aqui é um ato revolucionário. É um sonho coletivo que acaba de se concretizar no coração da Amazônia", exclama o jornalista Erisvan Guajajara, fundador da Mídia Indígena. Um cocar de penas azuis e amarelas cai sobre seus ombros. Ele acaba de inaugurar a Casa Maraká, ponto nevrálgico da comunicação indígena durante a COP30 em Belém, no norte do Brasil. Seu coletivo de jornalistas, fotógrafos e ativistas, seguido por mais de 340 mil pessoas no Instagram, instalou seu QG nesta casa guardada por duas serpentes coloridas monumentais. Sua missão: contar a Amazônia através dos olhos de jovens indígenas.

Tapajós de Fato, Amazônia Vox, Carta Amazônia, Sumaúma, InfoAmazonia: há alguns anos, as mídias independentes dedicadas ao norte do país e seus desafios se espalham online. Elas compartilham o desejo de produzir informação rigorosa, o mais próxima possível das problemáticas ambientais encontradas localmente. Os povos tradicionais "guardiões da natureza" – indígenas, ribeirinhos, quilombolas – encontram ali um lugar privilegiado de expressão. "Trabalhei em vários meios de comunicação locais, que nunca me apoiaram nas reportagens que eu queria produzir, então criei minha própria mídia", lembra o indígena de 36 anos.

Terreno Hostil

Nesta região onde os interesses financeiros ligados à mineração e ao agronegócio são colossais, a interferência de grupos políticos e oligarcas é onipresente. No Estado do Pará, que sediará a COP, a família do governador Helder Barbalho está à frente de duas emissoras de televisão, quatro estações de rádio e um jornal impresso. "Somos vistos como persona non grata pelas potências locais, o que complica nosso trabalho diário, nosso acesso a dados e fontes", explica Adison Ferreira, cofundador da agência Carta Amazônia, criada em Belém em 2020. "Os jornais locais, principalmente nas capitais regionais, estão muito ligados a grupos econômicos poderosos", acrescenta Daniel Camargos, jornalista de investigação da Repórter Brasil, especializado há mais de vinte anos em conflitos socioambientais. As coberturas da COP pelos grandes meios de comunicação como Folha de São Paulo, Globo e Valor foram financiadas por publicidade de empresas de mineração ou ligadas ao agronegócio, como a Vale e a JBS, amplamente criticadas por ONGs e ativistas ambientalistas locais.

"Mesmo que nos matem, terminaremos os livros, terminaremos o trabalho"

"Sem jornalismo independente, somos reféns de uma narrativa dominante. Queremos, para além de nossos artigos serem lidos, que eles tenham um impacto concreto nas situações que denunciemos", desenvolve Camargos. Ele acaba de ser premiado por uma série de reportagens multimídia, "Agronegócio: milícia e golpismo na Amazônia", onde investiga a aliança entre o bolsonarismo e o agronegócio na Amazônia.

"Aqui, o jornalismo independente é ativista por natureza", reforça Cecília Amorim, cofundadora da Carta Amazônia. Esta agência adota um prisma afro-indígena, abordando em uma reportagem recente a luta dos quilombolas — descendentes de escravos em fuga — pela delimitação de suas terras no arquipélago do Marajó (Pará).

A sede da maioria das mídias nacionais está localizada no Rio de Janeiro ou em São Paulo, a milhares de quilômetros de distância. "A cobertura nacional é feita a partir do centro econômico, político e histórico do Brasil, o que gera vieses, estereótipos e uma invisibilidade das problemáticas locais", ressalta Daniel Nardin, fundador da Amazônia Vox. Sua plataforma desenvolveu uma base de mais de 1.200 fontes amazônicas (pesquisadores, atores comunitários, jornalistas) para favorecer narrativas mais diversas.

Jornalismo de Combate

Crítica à exploração petrolífera, destaque para os desvios da agroindústria, escândalos ambientais: os temas abordados por esses jornalistas incomodam. Entre 2022 e 2023, a Repórteres Sem Fronteiras (RSF) documentou 66 casos de violência contra a liberdade de imprensa nos nove Estados da Amazônia brasileira. Dentre eles, 16 estavam diretamente ligados a reportagens sobre agronegócio, mineração, povos indígenas ou direitos humanos. Em junho de 2022, o correspondente britânico Dom Phillips e o indigenista Bruno Pereira desapareceram nos meandros do Vale do Javari, uma das áreas mais remotas da Amazônia. Os dois amigos investigavam a pesca ilegal e os tráficos que ameaçam os territórios indígenas. Nove dias depois, seus corpos foram encontrados enterrados sob a vegetação.

Fonte: <https://larevuedesmedias.ina.fr/amazonie-bresil-cop30-belem-journalisme-independent-activiste>